

**NOTAS ADICIONAIS AS LEGUMINOSAS DA AMAZÔNIA
BRASILEIRA, BOLETIM TÉCNICO, I. A. N., N.º 18 (*)**

A. Ducke

O presente trabalho resultou do estudo de plantas do herbário do I. A. N., nas minhas breves estadias em Belém, em 1954 e 1956; diferentemente dos outros de minha autoria, este não se baseia em observações de campo. É um suplemento para o trabalho publicado no BOLETIM TÉCNICO do I. A. N., n.º 18, dezembro de 1949, com o título "As Leguminosas da Amazônia Brasileira", 2.^a edição. Com o aumento das coleções do Instituto, em 6 anos, desde então decorridos, o número das espécies passou de 867 para 894; destas, 50 só foram até agora observadas no Território do Rio Branco, cuja flórá, embora predominantemente hileana, contém não poucos elementos característicos do baixo Orinoco e alguns aparentemente endêmicos.

(*) — Trabalho subvencionado pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

LEGUMINOSAE MIMOSOIDEAE

INGA Willd.

Inga umbellifera Steud. — Novamente coletada no Uaupés (Fróes). — Carolina (Maranhão).

I. Ulei Harms. — **I. racemiflora** Ducke, dos trêchos encachoeirados do Rio Negro e do Rio Urubú, é segundo Amshoff co-especifica com **I. Ulei** do Rio Marmelos. E' uma das muitas espécies de plantas, comuns aos afluentes Norte e Sul do médio Amazonas.

I. falcistipula Ducke. — Coletada ainda no Rio Madeira (Pôrto Velho: Três Casas, Krukoff 6447, distribuida como **Pithecolobium affl. arenarium**) e no Solimões (Codajás). — Guiana holandesa (distribuida como **I. capitata**).

I. splendens Willd. — Ainda de Belém, margem inundada do Guamá.

I. setifera DC. — Comum na parte Oeste da Amazônia, inclusive o Rio Branco, porém ainda não encontrada no Estado do Pará. Uma forma com pouquíssimos pêlos foi coletada no Rio Oiapoque (Fróes 26647); seria talvez a mal conhecida **I. pilosiuscula** de Caiena.

I. disticha Bth. — Esta espécie comum nas beiras de rios com forte correnteza, foi ainda coletada na bacia do médio Tocantins (Rio Vermelho, Itacaiuna, Jauarizinho).

I. obtusata Bth. — Ainda no Demeni, afluente do Rio Negro.

I. cayennensis Bth. — Frequente em São Luiz do Maranhão.

I. ingoides (Rich.) Willd. — **I. bahiensis** Ducke Leg. Pernambuco, = ? **I. bahiensis** Bth. — O tipo da **bahiensis** do qual o I. A. N. possui uma fotografia é demasiado pobre e incompleto para permitir identificação segura. As duas supostas espécies difeririam principalmente na forma dos frutos,

porém, frutos de ambas as formas podem ser encontrados na mesma planta e até na mesma inflorescência. O material amazônico e nordestino, largamente representado no herbário do I. A. N., em nada difere de espécimes da Guiana britânica determinados por Sandwith. — América tropical e Antilhas, mas não em toda parte; cultivada para sombreamento de cafezais nas serras do Ceará e em São Paulo (Campinas).

PITHECOLOBIUM Mart.

P. pubescens (Bert ex DC.) Bth. — Amazonas, Rio Uru-bú (a Nordeste de Manaus), em campina-rana, col. Fróes (25248). Única localidade ao Sul do Equador, na área geográfica desta espécie.

P. leucophyllum Spr. ex Bth. — Fruto quase retilíneo, estreito (4-7 x 1,5 — 2 cm.), coriáceo, bivalado, porém pouco torcido depois da deiscência, vermelho por dentro; bem diferente dos frutos das espécies vizinhas.

P. villiferum Ducke. — Guiana holandesa.

P. pedicellare (DC.) Bth. — Pernambuco, comum na zona da mata.

P. amplissimum Ducke — Um espécime frutífero foi coletado no alto Rio Negro, lugar Morcêgo (G. A. Black 48-2774). Fruto como **P. Duckei**, porém muito maior (29 x 7,5 cm.). — Venezuela, Território Amazonas, Llewelyn Williams 14337.

P. scandens Ducke. — Ainda no Rio São Manuel, extremo Sudoeste do Estado do Pará, J. M. Pires, e no Estado do Amazonas, Lago de Badajós (baixo Solimões), R. L. Fróes.

P. multiflorum (H. B. K.) Bth. — Ainda no Rio Guamá, perto de Belém, e em Bôa Vista do baixo Tapajós.

P. odoratissimum Ducke n. sp. — Árvore de flôres perfumadíssimas, de côr branca. Território do Guaporé, Rio Guaporé, campo ao Oeste do lugar Conceição, G. A. Black e E. Cordeiro.

P. inaequale (H. B. K.) Bth. — Ainda em Manaus, e perto de Esperança, no Solimões, abaixo da fôz do Javari.

P. amplum Spr. ex Bth. — Ainda em Breu Branco, médio Tocantins.

P. foliolosum Benth. = **acacioides** Ducke = **parvifolium** Bth. em parte (Santarém, Spruce 882) — Consegui estabelecer esta sinonímia pela comparação de abundante material coletado nos arredores de Recife (Pernambuco), localidade típica de **foliolosum** (o “capibamba” da Flórea de Martius é o rio Capiberibe), com espécimes amazônicos. A área desta espécie abrange o Estado do Pará, desde Óbidos e Santarém até a costa do “Salgado”, o Território do Amapá (Macapá), e os Estados de Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Goiás (Norte), onde habita lugares abertos, sêcos. O verdadeiro **parvifolium** é limitado ao Norte da América tropical.

ENTEROLOBIUM Mart.

E. cyclocarpum (Jacqu.) Griseb. — Árvore grande da mata da terra firme na beirada do Padauri (afluente do Rio Negro), lugar São Pedro, Fróes 22672; primeira coleção no Brasil. Sul da Guianá britânica, montes Kanuku, bacia fluvial do Tacutu; Norte da América tropical e Antilhas.

CALLIANDRA Bth.

C. stipulacea Bth. — Ainda coletada na margem da cachoeira do Rio Aracá, afluente do baixo Rio Negro, Estado do Amazonas.

C. rigida Bth. (determ. Sandwith). — Amazonas: Serra Tunuí, catinga pedregosa, “arbusto, flôres vermelhas, planta com aspecto de samambáia”, G. A. Black 48-2682; ibidem Fróes 28115, “arbusto de 1 m.; flôres róseas”, Colombia.

C. glomerulata Karsten (determ. Sandwith). — Matinhas na região dos campos altos de Monte Alegre, Fróes 30260, D. A. Lima 53-1589. Arbusto com flôres róseas. Colombia, Venezuela, Guiana britânica (montes Kanuku).

C. parviflora Bth. “Barra do Fisiqueta e Borba (Flora Brasiliensis); a primeira localidade é-me desconhecida, mas a segunda corresponde a uma cidadezinha do baixo Madeira (Amazonas). Mato Grosso, coletada várias vêzes.

ACACIA Willd.

A. altiscandens Ducke. — Ainda no Território do Guaporé: Pôrto Velho.

A. riparia H. B. K., forma típica. — Território do Rio Branco, beira do rio ao Norte de Bôa Vista (Black).

A. polyphylla DC. e *A. glomerosa* Bth. — Ambas estas supostas espécies ocorrem juntas, tanto na Amazônia quanto em São Paulo, Minas, etc.; num espécime, coletado em Itaituba (Rio Tapajós), J. M. Pires 4055, há folhas correspondentes a ambas as ditas. A descrição das fôlhas de *A. glomerosa* em Macbride, Flora of Peru, corresponde a *A. riparia*.

A. paniculata Willd. — Também no médio Tocantins: Rio Vermelho (Estado do Pará).

A. multipinnata Ducke. — Esta espécie comum na Amazônia ocorre também em Surinam: ví um espécime distribuído com o nome de *A. paniculata*.

MIMOSA L.

M. debilis H. B. K. — Ainda nos Territórios do Guaporé (Pôrto Velho) e Rio Branco.

M. pudica L. — Também no Território do Rio Branco (Bôa Vista).

M. myriadena Bth. — Ainda no Rio Negro (Manaus, Tapurquara) e no Território do Rio Branco.

M. punctulata Spr. ex Bth. — No Rio Solimões, ainda em Tefé e Fóz do Jutáí.

M. Schomburgkii Bth. — Os ramos estéreis são aculeados; os raminhos férteis (únicos que se encontram nos herbários!) são inermes ou têm, quando muito, um ou outro aculeo em sua parte inferior.

M. rufescens Bth. — Ainda em Tonantins (Rio Solimões).

M. somnians H. B. K. — Também no Oiapóque (Território do Amapá), fronteira do Brasil com a Guiana francesa.

M. dormiens H. B. K. — Também em Marajó.

M. camporum Bth. — Também em Pôrto Velho, Território do Guaporé.

M. orthocarpa Bth. — Também em Bôa Vista do Rio Branco.

M. microcephala H. B. K. — No Território do Rio Branco, ainda coletada nos rios Amajari e Mucajáí.

STRYPHODENDRON Mart.

S. roseiflorum Ducke. — Ainda no Rio Demeni, afluente do Rio Negro.

S. purpureum Ducke. — A área desta espécie **extende-se até o Ceará, onde a mesma está limitada às serras** (Serra Ibiapina, Serra de Baturité).

S. polystachyum (Miq.) Kleinh. — Ainda no médio Tocantins (Pará), lugar Jatobá, Fróes 27129. Segundo o coletor, os frutos maduros desprendem forte cheiro de alho e são tidos como venenosos.

ENTADA Adans.

E. polystachya (L.) DC. — Ainda de Marabá (Tocantins), Monte Alegre e Pôrto Velho.

DINIZIA Ducke.

D. excelsa Ducke. — Ainda no alto Tapajós, Cachoeira do Chacorão.

PARKIA, P. Br.

P. velutina R. Benoist. — Belém (várzea do Guamá) e Oiapóque.

P. pendula Benth. — Território do Guaporé: Pôrto Velho.

LEGUMINOSAE CAESALPINIOIDEAE

DIMORPHANDRA Schott.

D. vernicosa Bth. — Ainda em diversas campinas nas bacias dos rios Aracá e Issana, afluentes do Rio Negro.

D. campinarum Ducke. — Ainda numa "campinarana" do rio Tarumá, perto de Manaus.

D. ferruginea Ducke. — Ainda no Rio Issana.

D. parviflora Bth. — Ainda em Tefé.

D. multiflora Ducke, = *D. Pullei* Amsh. — Esta rara espécie, coletada até agora só uma vez, nas matas da Estrada de Ferro de Bragança, foi novamente encontrada naquela zona (Pires, Black e Dobzhansky 4123) e no Tarumá de Manaus (Fróes 24990). Guiana holandesa.

CYNOMETRA L.

C. BAUHINIEAEFOLIA Bth. — Ainda no médio Tocantins paraense: Marabá.

C. HOSTMANNIANA Tul. — Ainda nos rios Maicurú (Monte Alegre) e Ooiapóque.

C. racemosa Bth. — Ainda nos rios Padaurí (afluente do Rio Negro) e Urubú.

C. marginata Bth. 1840 = **cuneata** Tul. 1844. — Perfeitamente igual às plantas de Surinam, determinadas por Amshoff. Frequente em margens inundáveis de riachos no terço Leste da hiléia (Belém, Rio Capim, médio Tocantins [Remanso e Rio Itacaiúna], alto Tapajós; Maranhão: Pedreira; Território do Rio Branco: Caracará). Guiana.

C. Spruceana Bth. — Ainda no alto Tapajós (fóz do Juruena), no Padaurí e no médio Purús (citada no trabalho anterior como **marginata**).

COPAIFERA L. — A recente revisão das espécies centro e sulamericanas por Dwyer é uma descrição dos espécimes conservados em seis herbários dos Estados Unidos, inclusive fragmentos ou fotografias e tipos que se acham na Europa. Dwyer não viu os herbários existentes em países da América do Sul, alguns particularmente ricos em representantes deste gênero. Nenhuma referência é feita às condições ecológicas das árvores, muito importantes para a sistemática neste gênero, cujas espécies escasseiam de bons caracteres diferenciais. O centro de dispersão das espécies, na América, é o Brasil Central e regiões adjacentes, com cerca de 15 espécies (*), seguido pela hiléia com 8.

C. coriacea Mart., Hayne, = **Martii** Hayne, = **rigida** Bth., = **coriacea** Bth., Dwyer, pro parte. — A área da espécie estende-se do Pará até o Rio Grande do Norte e o interior da Bahia.

C. guianensis Desf. — A área documentada abrange as três Guianas, o médio e alto Rio Negro, onde a espécie é bastante frequente, e o Solimões até o Trapézio do Amazonas Colombiano. Todas as outras localidades citadas por Dwyer são fortemente duvidosas.

(*) — Inclusive duas do Paraguái, uma das quais transferida por Dwyer para o pseudo-gênero *Pseudocopaiva* Britton et Wilson.

C. multijuga Hayne. — Ainda no Rio Tefé, afluente do Solimões.

C. Duckei Dwyer. — Estou em dúvida se convém conservar esta espécie que bem pode ser uma mera forma da **reticulata**. Só conhecida de Belém e do trecho vizinho da Estrada de Ferro de Bragança (Castanhal); o espécime que Dwyer cita para o Maranhão, Rio Maracassumé, col. Fróes, pode no entanto ser co-específico. O mesmo não acontece com as plantas do Ceará, atribuídas por Dwyer a esta espécie.

C. reticulata Ducke. — No caso de se manter **C. Duckei** como espécie, a área geográfica da **reticulata** fica desfalcada da faixa oriental atlântica. Os espécimes de Cuiabá e São Paulo citados por Dwyer não podem ser atribuídos à espécie presente porque o clima daqueles lugares não permite a existência de árvores típicas da mata pluvial equatorial.

C. bijuga Hayne. — Citei esta espécie nos trabalhos anteriores como **C. officinalis**, baseando-me na opinião de Bentham, que considera **bijuga** como provavelmente idêntica com aquela. Dwyer viu apenas um espécime e o atribuiu à pouco conhecida **C. pubiflora**; êle considera **bijuga** como sinônimo de **C. guianensis**, em companhia de **C. Beyrichii** Hayne, a qual no entanto é uma conaracea (**Connarus Beyrichii** (Hayne) Schell.) — **C. bijuga** é uma árvore característica da mata marginal do alto Rio Branco e afluentes, sujeita a inundações periódicas de curta duração. Não foi ainda encontrada fóra da dita região.

C. Piresii Ducke n. sp. — Posto dos índios Caiabí, no campo alto perto do Rio São Manuel (= Teles Pires), no extremo Sudoeste do Estado do Pará (J. M. Pires). Arbusto, notável entre as espécies dêste gênero, pela pequenez das fôlhas.

CRUDIA Schreb.

C. glaberrima Bth. — Ainda no Rio Araguaí, Território do Amapá.

C. tomentosa (A. DC.) Macbr. — Sul do Estado do Pará: Marabá (Tocantins) e Fóz do Juruena (Tapajós).

MACROLOBIUM Schreb. — As 48 espécies da recente Revisão Taxonômica de Cowan ocupam uma área que se estende

dos confins meridionais da hiléia amazônica à República do Panamá, com uma espécie isolada (*M. latifolium*) no Sul da Bahia; o centro acha-se na bacia do alto Rio Negro. Tôdas as espécies estão restritas a regiões de mata pluvial onde, no entanto, poucas vivem no interior dessa mata; a maioria habita margens, altas ou baixas, de rios e lagos de água pobre de sedimento, ou a "catinga" amazônica, ou campos e campinas, clareiras na dita mata. A Revisão de Cowan é uma fiel e meticulosa descrição dos numerosos espécimes de herbário examinados por seu autor, sem referências às condições ecológicas que dividem êste gênero em dois grupos: espécies com legumes elasticamente deiscentes, que jogam as sementes a boa distância da árvore, e espécies cujos frutos indeiscentes se destinam à dispersão pela água. Na dita Revisão, antigas espécies são reduzidas a variedades e variedades são promovidas para o posto de espécies; no entanto, algum limite entre estas categorias dificilmente poderá ser traçado sem o estudo de plantas vivas. O uso da nomenclatura trinária em botânica de herbário apreço-me menos aceitável que na zoologia de museu, onde os tipos são quase sempre indivíduos inteiros e não fragmentos. (*)

M. unijugum (Poepp. et Endl.) Cowan = *M. limbatum* Bth. — A var. *mucronatum* Cowan, do Uaupés, é provavelmente uma forma individual ou fragmentária; uma outra variedade (*Fanshawei*) foi descrita da Guiana britânica.

M. suaveolens Spr. ex Bth. — Cowan descreveu, além da forma típica (*M. suaveolens suaveolens* Cowan), as variedades de herbário *pakarimense*, *Rondonianum*, *petiolatum* e *uaupense*. A espécie habita grande parte da Amazônia brasileira e peruana e a Guiana britânica.

M. parvifolium (Huber) Cowan = *M. suaveolens* var. *parvifolium* Huber. — Huber descreveu esta planta como variedade de *suaveolens*, mas nunca encontrei formas intermediárias.

(*) — Nenhum zoólogo, até agora, criou uma espécie ou variedade com apenas uma aza ou perna dalgum bicho, mas em botânica milhares de tipos são pequenos fragmentos de árvores às vezes gigantescas.

M. angustifolium (Bth.) Cowan = **M. chrysostachyum** Bth. — O primeiro destes nomes foi rejeitado por seu próprio autor, o que seria um forte argumento para continuação do seu uso, se no Código Internacional da Nomenclatura houvesse uma cláusula autorizando o repudio daquilo que é irrazoável.

M. bifolium (Aubl.) Pers. — A citação da localidade Bahia, no meu trabalho anterior, é errada. A área da espécie inclui o Sul da bacia do Orinoco e o delta Amacuro.

M. Duckeanum Cowan. — O material típico foi por mim distribuído com o nome provisório de **bifolium var.** porque não quis criar uma espécie nova com uma coleção única duma planta que tem afinidades com uma espécie comum e bastante variável. Arbustos da Campina de Arumateua, Tocantins paraense, em sólo arenoso e aparentemente turfoso; só conhecido na coleção típica.

M. arenarium Ducke. — Ainda de Manaus, em areia, na rodagem do Centro.

M. campestre Huber — Cowan descreveu, além da forma típica (**M. campestre campestre** Cowan) as variedades **arbo-reum**, **medium**, **arirambense** e **longibracteatum**; porém, como muitas outras plantas lenhosas encontradas em campos ou campinas e na mata vizinha, esta espécie é extraordinariamente variável, conforme as condições ecológicas. O tipo de **var. arboreum** é um arbusto da campina do Jacopi, perto de Gurupá, e um espécime adicional citado por Cowan é um arbusto da acima citada campina do Arumateua, no Tocantins; um outro espécime adicional é porém uma árvore da mata, de cerca de 35 m. de altura. **Var. arirambense** é um arbusto dos Campos do Ariramba no Rio Trombetas. **Var. medium** e **var. longibracteatum**, árvores da mata marginal da estrada de ferro entre Belém e Pinheiro, são certamente dois indivíduos da mesma forma (arbórea) da espécie. A forma típica foi ainda coletada nos campos altos de Macapá.

M. montanum Ducke — Uma forma coletada na Guiana britânica tomou o nome **M. montanum var. potaroanum** Cowan.

M. discolor Bth. — **M. caudiculatum** Ducke figura na Revisão de Cowan como **discolor var. caudiculatum** (Ducke) Cowan. A forma típica da espécie e uma outra variedade são

conhecias sòmente da Venezuela; a planta do Padaurí, citada no meu trabalho anterior, é o comum **multijugum**.

M. multijugum (DC.) Bth. — A área geográfica abrange a hiléia inteira, brasileira e das repúblicas e colônias vizinhas; o fruto desta espécie é como o do igualmente comum **acaciaefolium** adaptado à dispersão pela água. Cowan descreve uma var. **sinuatum**, de herbário (Uaupés, Spruce).

M. microcalyx Ducke. — Citada por Cowan para o Perú amazônico (Iquitos).

M. molle (Bth.) Cowan = **M. flexuosum** var. **molle** Bth. — Não é possível decidir, só com material de herbário, qual dos dois autores tem razão! O fruto dum espécime da coleção típica, conservado no Jardim Botânico do Rio, é parecido com o de **multijugum** e parece ser igualmente indeiscente.

M. flexuosum Bth. — O fruto desta espécie ainda não é conhecido, porém pela afinidade da mesma com **M. molle** (tão estreita que Bentham considerou a última apenas como variedade da primeira), podemos supôr que seja indeiscente.

M. parviflorum Ducke = **M. flexuosum** var. **parviflorum** Cowan — Mantenho esta planta na categoria da espécie, porque o fruto (*), embora novo, já indica o tipo dos frutos elasticamente deiscentes, quando o de **flexuosum**, que tem estreita afinidade com **molle**, será presumivelmente indeiscente como neste. Notemos ainda que **flexuosum** habita beiras inundadas de rios, enquanto o único pé conhecido de **parviflorum** foi encontrado em terreno muito elevado. Não devemos ignorar, na sistemática, as condições ecológicas das espécies!

M. venulosum Bth. — “Columbia: Rio Negro vicinity Piedra de Cucuí, Vaupés, coll. Schultes and Lopez” (Cowan o. c.); o lugar marcado no mapa da área geográfica corresponde à bôca do Mocacuni, na fronteira Brasil-Colômbia. O tipo é de S. Carlos, Venezuela.

(*) — O autor da o. c. não viu o espécime típico, único completo da coleção, conservado no I. A. N. de Belém, que publicou a nova espécie. Os espécimes que êle examinou são duplicatas com flôres sòmente (isotipos), alguns conservados no mesmo Instituto, outros distribuídos ao Jardim Botânico do Rio e a vários herbários dos Estados Unidos.

M. Froesii Cowan. — Árvore da mata das terras altas, Cachoeira Massarico, Rio Issana (afluente do Rio Negro). Coleção única (Fróes).

M. Huberianum Ducke — Também na Guiana britânica (forma típica e *var. pubirhachis* Amsh).

M. gracile Spr. ex Bth. = *M. tenue* Ducke. — Estou de acôrdo com Cowan, quanto a esta sinonímia. E, quanto a *M. gracile var. debile* (Ducke) Cowan, a planta pode muito bem ficar como simples variedade, conforme a opinião do mesmo autor, o qual descreve ainda duas outras variedades (*Machadoense* Cowan, do Tabajara, Norte de Mato Grosso, e *confertum* (Gleason) Cowan, da região montanhosa do Sul da Venezuela). O nome “cipoal”, citado por Dwyer?, não se refere à planta mas ao habitat da mesma (tradução inglesa: thicket of lianas).

M. taxifolium Spr. ex Bth. — Amazonas: Rio Turí, afluente da bôca do Issana. Até agora só conhecido no Guainía, acima da boca do Cassiquiare.

EPERUA Aubl.

E. falcata Aubl. — Território do Amapá: Oiapóque (limite com a Guiana francesa), mata das terras altas, coletada por Black e por Fróes. Nova para o Brasil. Guianas.

E. bijuga Mart. ex Bth., forma típica. — Ainda no Território do Amapá: Macapá e Aporema.

ELIZABETHA Schomb.

E. Duckei Huber — Amazonas: Rio Issana, Tunuí, Fróes 28.100. Primeira coleção no Brasil.

HYMENAEA L.

H. parvifolia Huber. — Território do Rio Branco: frequente nos arredores de Boa Vista, na mata marginal dos campos altos. Ainda no médio Tocantins paraense e no baixo Madeira (Amazonas).

H. intermedia Ducke. — Ainda no Rio Urubú (a Nordeste de Manaus).

H. oblongifolia Huber, = *Cynometra Zamorana* R. Schultes. — Rio Macoya, Vaupés, Colombia (Schultes). — De afi-

nidade próxima da *H. latifolia* Hayne (= *Peltogyne latifolia* Bth.) descrita da Bahia e recentemente re-descoberta na mata pluvial dos arredores de Recife, Pernambuco; diverge da dita por folíolos muito mais estreitos e com o ápice acuminado, pétalas mais estreitas e frutos com casca muito menos grossa (1 mm.) e frágil. Em ambas as espécies, as pétalas se conservam na flôr aberta pelo menos um dia inteiro; nas outras espécies, as flôres abrem de noite e as pétalas caem na manhã seguinte.

PELTOGYNE Vog.

P. venosa (Vahl.) Bth., **forma típica**. — Território do Amapá: Oiapóque; primeira coleção no Brasil. Guiana. — **Var. densiflora** (Spr. ex Bth.) Amsh. só diverge pelo ovário glabro e é a forma amazônica da espécie. As árvores do Mosqueiro (Pará) e do Rio Jamarí (Território do Guaporé), atribuídas no meu trabalho anterior à *P. maranhensis* pertencem à **densiflora**. A legítima **maranhensis** Huber ex Ducke foi até agora observada somente no Estado do Maranhão (São Luiz e Pedreira) e difere apenas pelo estípe mais comprido do cálice, as pétalas mais estreitas, e os frutos um tanto menores, sobretudo bem menos largos.

P. micrantha Ducke. — Ainda coletada na bôca do Issana, afluente do Rio Negro (Baldwin 3215).

P. floribunda (H. B. K.) Bth., = **Porphyrocardia** Griseb. ? — Vi um espécime determinado por Sandwith como "near **porphyrocardia**", procedente do Sul da Guiana britânica na vizinhança da fronteira brasileira ("Western extremity of Kanuku mountains, in drainage of Takutu river; dense forest, alt. 300 m."); é parecido com o citado nos meus trabalhos anteriores, mas tem frutos adultos. O legume lembra o de **P. catingae** em tamanho e forma, porém é lenhoso espesso, deiscente, e sem vestígio de azas nas margens; corresponde em tudo à descrição de Amshoff.

P. gracilipes Ducke. — Provavelmente co-específica com **P. pauciflora** Bth. do interior da Bahia e Pernambuco, da qual só difere pelos folíolos distintamente acuminados e legume maior. Material frutífero foi coletado no alto Amajaú (bacia do Rio Branco), mas os frutos mal conservados não permitem

comparação segura com os igualmente deteriorados de *pau-ciflora*, que pude examinar. Se as duas forem idênticas, a área geográfica da espécie será dupla, ao Sul e ao Norte do equador.

TACHIGALIA Aubl.

T. myrmecophila Ducke. — Ainda no Território do Amapá, Oiapóque, limite do Brasil com a Guiana francesa.

T. plumbea Ducke. — Ainda coletada no Padaurí (bacia do Rio Negro) e em São Paulo de Olivença (Rio Solimões).

T. rigida var. *argentata* Ducke. — Ainda no Rio Issana.

BAUHINIA L.

B. bombaciflora Ducke. — Pertence à flora do Brasil Central, descendo no entanto o Tocantins paraense até a cachoeira Itabóca, Black, Fróes e Pires encontraram-na com frequência no Tocantins maranhense (Carolina) e goiano (Tocantinópolis).

B. macrostachya var. *parvifolia* Ducke. — Também esta pertence à flora do Brasil Central, descendo o Tocantins até Itabóca. Coletada ainda em Marabá, Tocantins paraense, Maranhão: Pedreiras, Codó, Carolina.

B. bicuspidata Bth. — Ainda em Vigia (Pará) e no rio Guaporé.

B. amplifolia Ducke. — Ainda no rio Camatian (Solimões, pouco acima de São Paulo de Olivença).

B. brachystachya Ducke. — Ainda no Pará; rio Arapiuns afluente da boca do Tapajós, Miranda Bastos, herb. Jard. Bot. Rio 43.660. Segunda coleção desta rara espécie.

B. Poiteauana Vog. — Ainda no Território do Amapá: Oiapóque.

B. Langsdorffiana Bong. var. *bahiensis* Bong. — “Ad ostium fluminis Solimões prope Manaus, Spruce 1522” (Fl. Bras.). Não vista. A forma típica é do Rio, a variedade foi descrita da Bahia.

B. Siqueiraei Ducke. — Ainda no Território do Amapá: Oiapóque.

B. confertiflora Bth. — Atribuo a esta espécie ainda uma planta do rio Camatian (Solimões), beira de uma lagôa de água preta (Fróes).

B. altiscandens Ducke. — Só conhecida de Esperança (coleção típica) e Igarapé Belém (Fróes 23739), ambos os lugares pouco abaixo da fronteira ocidental do Brasil. A planta citada para Parintins pertence à espécie subsequente.

B. stenopetala Ducke n. sp. — Amazonas: mata das terras altas ao Sul de Parintins. Na primeira enumeração das leguminosas incluí esta planta em *confertiflora*, na segunda em *altiscandens*.

B. rutilans Spr. ex Bth. — Ainda no alto Rio Negro e Uaupés e no Jandiatuba, afluente do Solimões.

B. splendens var. *latifolia* Bth. = *B. guianensis* Aubl., forma típica (*B. splendens* H. B. K. é considerada por Amschoff como variedade da *guianensis*). Belém, lugar Aurá (rio Guamá), J. M. Pires 2691; Manaus e Uanacá, alto Rio Negro (Fl. Bras.).

CASSIA L.

C. leiandra Bth. var. *guianensis* Sandw. — Parece ser apenas uma forma individual. Encontrou-se em Cacaual Grande, na várzea do Baixo Amazonas paraense. Guiana.

C. fastuosa Willd. — Ainda no Território do Guaporé: Pôrto Velho.

C. Spruceana Bth. — Ainda no Rio Urubú, a Nordeste de Manaus.

C. macrophylla Kunth. — Ainda em Tefé.

C. latifolia G. F. W. Mey. — Ainda de Belém e do rio Cuparí afluente do Tapajós. Var. *falcistipula* Ducke, ainda de Monte Alegre.

C. chrysocarpa Desv. — Ainda em Macapá.

C. spinescens Vog. — Maranhão: Tocantins: Imperatriz e Carolina.

C. hirsuta L. — Pará: ainda em Marajó: Soure; Manaus (INPA), nova para o Amazonas.

C. ? longiglandulosa Bth. — “In silvis secus fluvium Amazonum, Manaus” (Fl. Bras.). Duvidosa quanto ao gênero; só conhecida na coleção típica, florífera.

C. aculeata Pohl ex Bth. — Cipó aculeado. Território do Guaporé: Rio São Miguel, afluente do Rio Guaporé, num cam-

po distante 20 quilômetros da fóz do rio (Black e Cordeiro 52-15154). Piauí, Goiás.

C. pilifera Vog. — Margem do Tocantins paraense, a dois quilômetros ao Sul de Baião, col. Drouet (segundo L. B. Smith o. c.).

C. scleroxylon Ducke. — No Tocantins paraense até o Rio Vermelho.

C. adiantifolia Bth., forma típica. — Ainda de São Felipe (Rio Negro), várzea.

C. hymenaeifolia Bth. — Ainda na catanga dos rios Isana e Caiari, alto Rio Negro).

C. hispidula Vahl. — Ainda na Vigia (Pará), num campo.

C. cultrifolia H. B. K. — Pará: Marajó (rio Camará), Vigia e Monte Alegre. Amapá: Macapá. Exclusivamente em campos altos. Certos indivíduos aproximam-se da *C. diphylla* na forma dos folíolos.

C. Desvauxii Col., forma comum. — Também no Território do Guaporé, rio São Miguel, campo a 20 quilômetros da fóz.

C. uniflora Spreng. — Ainda no Território do Amapá, Oiapóque, num campo.

C. curvifolia Vog. — Também no Território do Guaporé, Rio São Miguel, campo.

C. calycioides Desv. — Também no Território do Rio Branco: Bôa Vista, campo.

C. tagera L. — Território do Rio Branco: Bôa Vista, campo. Goiás e Mato Grosso central. Venezuela, América Central e México.

C. serpens L. — Pará, médio Tocantins: Jacundázinho, praia pedregosa.

C. patellaria DC., forma típica. — Pará: Marajó (Rio Camará), Território do Rio Branco: Bôa Vista.

C. chamaecrista L. — Citada para Santa Izabel (perto de Belém), col. Drouet (Lyman Smith, o. c.). América tropical e subtropical, no Brasil principalmente no Sul.

C. riparia H. B. K. — Pará: Fordlândia (baixo Tapajós).

C. praetexta Vog. — Ainda no Piauí: Parnaíba (D. A. Lima); no Ceará: Fortaleza (P. Bezerra).

DICORYNIA Bth.

D. uaupensis Spr. ex Bth. — Amazonas: Rio Uaupés (Spruce); Rio Preto, afluente do baixo Rio Negro (Fróes). Parece ser uma espécie "bôa".

MARTIUSIA Bth.

M. parvifolia Bth. — Alheia à hiléia mas desce no Tocantins paraense até Marabá, onde foi encontrada por Black e Fróes. Sul e Centro do Maranhão (Codó, col. Duck), Piauí, Bahia.

SCHIZOLOBIUM Vog.

S. amazonicum Huber ex Ducke. — Frequente em toda região das cachoeiras do Tocantins paraense (Fróes).

RECORDOXYLON Ducke.

R. stenopetalum Ducke. — Riozinho Juruema, afluente do Rio Jutai (Solimões), col. Fróes.

POEPPIGIA Presl.

P. procera Presl. var. *conferta* Bth. — Território do Guaporé: Guajará-Mirim, mata da terra firme (IAN). Todas as plantas até agora coletadas no Brasil pertencem a esta variedade.

SCLEROLOBIUM Vog.

S. paniculatum Vog. — No Pará ainda numa campina perto da Vigia.

S. guianense Bth. — Território do Rio Branco: Rio Mucajai (Black et Magalhães 51-13392). Bahia. Guiana.

S. subbullatum Ducke. — Baixo Madeira: Livramento (Krukoff).

S. chrysophyllum Poepp. et Endl. — Pará, Tapajós, bôca do Juruena (no limite Sudoeste do Estado).

S. physophorum Huber. — Ainda no Rio Tefé, afluente do Solimões.

SWARTZIA Schreb.

S. auriculata Poepp. et Endl. — Também na Bahia: Cruz das Almas (A. Pinto 51-493).

S. conferta Spr. ex Bth. — Ainda no Uaupês e Issana.

S. velutina Spr. ex Bth. — São Gabriel, alto Rio Negro, J. M. Pires 378 (com fôlhas trifolioladas) e 584 (com fôlhas unifolioladas).

S. longistipitata Ducke. — Ainda de São Felipe, alto Rio Negro.

S. grandifolia Bth. — Ainda no Território do Rio Branco: Caracaraí.

S. laeviscarpa Amsh. — Ainda no Território do Rio Branco: Caracaraí e Boa Vista.

S. bracteata Ducke. — Rio Urubú, a Nordeste de Manaus (Fróes). Segunda coleção desta rara espécie.

S. tomentosa (Willd.) DC. — Ainda no alto Rio Negro e no Oiapóque (Amapá).

S. polycarpa Ducke. — Ainda no São Manuel, alto Tapajó, limite Sul do Pará.

S. aptera DC., forma típica. — Coletada em vários pontos do baixo, médio e alto Tapajós, até o São Manuel.

S. racemulosa Huber. — Ainda na região de Faro, limite do Pará com o Amazonas.

ZOLLERNIA Mart.

Z. paraensis Huber, = *Z. Ulei* Harms. — A área estende-se ao Cerrá (serras), Paraíba e Pernambuco.

LEGUMINOSAE PAPILIONATAE SOPHOREAE

BOWDICHIA H. B. K.

B. Kuhlmannii Ducke 1930 (= *nitida* Hoehne 1922, não Spr. ex Bth.). — Esta espécie só conhecida na coleção típica (J. G. Kuhlmann, Herb. Expedição Rondon 2028), foi descoberta nos Campos dos Urupás, da região de Cataqui-Iamain, Noroeste de Mato Grosso.

B. virgilioides H. B. K. — *B. parvifolia* Gleason, a julgar pela descrição, é idêntica com a presente espécie.

DIPLotropis Bth.

D. purpurea (Rich.) Amsh. var. *brasiliensis* (Tul.) Amsh. — Frequente na zona da mata de Pernambuco e Paraíba, numa pequena área geográfica, separada da área grande da

hiléia. — **Var. coriacea** Ducke, em Manaus, fornece a melhor qualidade de “sapupira preta”, empregada para móveis (fábrica Ferreira Reis).

CLATHROTROPIS Harms.

C. nitida (Bth.) Harms. — Ainda no Cassiquiara, Venezuela.

ORMOSIOPSIS Ducke.

O. flava Ducke. — Ainda em Barcelos (Rio Negro), no Oiapóque (Amapá) e em Santo Antonio do Madeira (Guaporé). Guiana holandesa.

ORMOSIA Jacks.

O. Coutinhoi Ducke. — Ainda no Oiapóque (Amapá) e em Carutapera (Noroste do Maranhão), col. Fróes.

O. macrocalyx Ducke. — Ainda no alto Solimões, rio Camatiá.

O. paraensis Ducke. — Ainda no médio Tocantins parense (Breu Branco), no Território do Rio Branco e em São Luiz do Maranhão.

O. discolor Spr. ex Bth. — Ainda em vários pontos da bacia superior do Rio Negro.

O. micrantha Ducke. — Esta rara espécie foi ainda coletada no Rio Urubú, por Fróes.

O. santaremnensis Ducke. — Ainda em Parintins e São Gabriel do Rio Negro.

O. fastigiata Tul. — Ainda nos rios Urubú e Padauirí.

ALEXA Moqu.

A. bauhiniaeflora Ducke. — Frequente no rio Padauirí (Fróes).

A. Wachenheimi R. Ben. — Território do Amapá: Oiapóque (Fróes). Guianas francesa e holandesa.

LEGUMINOSAE PAPILIONATAE DALBERGIEAE

DALBERGIA L. f.

D. glauca (Desv.) Amsh., = **atropurpurea** Ducke, = **revoluta** Ducke. — O material procedente das Guianas, depositado no herbário do I. A. N., confirma a opinião de Amshoff a respeito da grande variabilidade desta espécie.

MACHAERIUM Pers.

M. lilacinum Ducke. — Além de Monte Alegre, esta espécie foi coletada em Fordlândia, baixo Tapajós (herb. Ford Plant. 590).

HYMENOLOBIUM Bth.

H. petraeum Ducke. — Ainda no Maranhão: Itapicurú, campo alto (Black).

ETABALLIA Bth.

E. guianensis Bth. — Ainda coletada no baixo rio Madeira, lugar Três Casas (Krukoff), e no Jandiatuba, afluente do Solimões (Fróes), ambos os lugares no Estado do Amazonas.

LEGUMINOSAE PAPILIONATAE GALEGEAE

MILLETIA W. et Arn. — Árvores ou arbustos erectos ou escandentes, dos trópicos e subtropicos do Velho Mundo, com cerca de 190 espécies descritas (Leemée, Dictionnaire etc., 1938); uma só espécie é americana. O gênero diverge de *Derris* unicamente pela deiscência do fruto.

M. occidentalis Ducke 1954. — Cipó de modestas dimensões; pétalas brancas. Mata das terras altas ao redor de Santo Antonio do Içá (Rio Solimões, Estado do Amazonas); coletada duas vezes (Ducke, Fróes). Possivelmente remanescente de antigas culturas indígenas, como planta ictiotóxica.

POECILANTHE Bth.

P. Hostmanni (Bth.) Amsh. — Nova para a flóra do Brasil. Amapá: rio Oiapóque (Fróes). Guiana.

INDIGOFERA L.

I. lespedezioides H. B. K. — Recentemente coletada em Monte Alegre (Pará) e no rio Guaporé (Território do Guaporé), em campos altos.

I. pascuorum Bth. — Ainda no Território do Guaporé, rio Guaporé, em campos.

TEPHROSIA Pers.

T. brevipes Bth. — Ainda nos Territórios do Amapá (Macapá) e Guaporé (Rio Guaporé), em campos. As flôres das

plantas amazônicas desta espécie são invariavelmente amarelas, porém nas plantas do Sul do Brasil elas são violáceas: não encontrei ainda caracteres morfológicos que separassem as plantas das duas procedentes.

LEGUMINOSAE PAPILIONATAE PHASEOLEAE

Na chave dos gêneros, em Leguminosas da Amazônia Brasileira, edição I.^a, página 142, linhas 14 e 20, e na edição II.^a, p. 209, linhas 1 a 8, no lugar de *estípulas* deveria estar *bracteolas*. Este erro acha-se reproduzido em Hoehne, Flora Brasileira, Leguminosas, Chave para subfamílias, etc., página 15, linhas 8 e 9.

CLITORIA L.

C. flagellans Bth. — Rio Branco, col. Schomburgk. (Fl. Bras.). Não vista.

CENTROSEMA DC.

C. triquetrum Bth. — Ainda no Maranhão: Perizes (Black).

C. platycarpum Bth. — Novas coleções afastam a dúvida a respeito da identificação: material botânico completo foi coletado por Pires e Black no lugar Varedão do Relâmpago (Goiás), a duas léguas de Carolina (Maranhão). Flôres róseas.

MUCUNA Adans.

M. Sloanei Fawc. et Rendle. — Ainda em Monte Alegre (Pará).

GALACTIA P. Br.

G. Jussiaeana var. *glabrescens* Bth. — Vigia (Pará), num campo.

G. striata (Jacqu.) Urb. — Ainda em Monte Alegre (Pará)

G. glaucescens H. B. K. — Monte Alegre (Dárdano A. Lima); primeira coleção na Amazônia. Minas, Pernambuco, Ceará, Piauí, Goiás. Colômbia.

PHASEOLUS L.

Ph. trichocarpus Wright. — Amazonas: Manaus, margem do Igarapé Mindú, I. N. P. A.

CANAVALIA Adans.

C. grandiflora Bth. — Ainda em Monte Alegre (Pará).

LEGUMINOSAE PAPILIONATAE GENISTEAE

CROTALARIA L.

C. stipularia Desv. — Ainda na Vigia (Pará), em campos.

C. velutina Bth. — Ainda nos Territórios do Rio Branco (Caracará) e do Guaporé (rio Guaporé), em campos.

LEGUMINOSAE PAPILIONATAE HEDYSAREAE

CHAETOCALYX DC.

Ch. brasiliensis (Vog.) Bth. — Ainda no Território do Rio Branco, entre Bôa Vista e Caracará. No Tocantins maranhense, em Carolina.

AESCHYNOMENE L. — Junto com *Desmodium* e *Phaseolus*, este gênero tem supremacia na proliferação e confusão de “taxa”, entre as leguminosas da América tropical; conservo por isso os nomes usados na Flóra Brasiliensis, que embora velha vale ainda hoje mais que os trabalhos modernos.

Ae. Selloi Vog. — “In silvis ad Maribi prov. Alto Amazonas” (Martius) (Fl. Bras.), Rio Japurá (Brasil ou Colombia?). Citada para o Rio de Janeiro. A estampa 12 da dita “Flora” não corresponde à descrição mas antes à vulgar e múltiplo *sensitiva*.

Ae. americana L. — Território do Guaporé: Pôrto Velho. — América Central, Nordeste do Brasil e Norte da Argentina.

Ae. hispidula H. B. K. (segundo “Flora Brasiliensis”) — *rudis* Bth. (segundo Burkart). — Marajó (Ararí) e Amapá. Da América Central até o Perú, Bahia e Minas.

Ae. filosa Mart. — *Ae. laxa* Gleason, dos arredores do Roraima, é provavelmente esta espécie.

Ae. marginata Poir. — Ainda na Vigia (Pará).

Ae. hystrix Poir. — Ainda na Vigia (Pará), Piauí, Ceará, Pernambuco.

Ae. falcata (Poir) DC. — Pará: Monte Alegre, campos altos. América tropical e subtropical meridional. — A estampa da “Fl. Bras.” (n.º 14) não representa esta espécie mas *Ae. brasiliiana*.

Material botânico do presente gênero, do herbário do Instituto Agrônômico do Norte, foi identificado por Rudd,

com abundante produção de novas combinações, novas variedades, etc.. O trabalho dessa autora parece ainda não estar publicado.

SOEMMERINGIA Mart.

S. semperflorens Mart. — Ainda no Território do Rio Branco: São Marcos. No Pará, ainda em Carnapijó, perto de Belém, e em Marabá, médio Tocantins. Maranhão: Carolina; Ceará.

ARACHIS L. — Hoehne admite 11 espécies, algumas das quais consideradas apenas variedades, por outros autores. Ervas de campos naturais ou praias arenosas da América meridional tropical e subtropical, com o centro da distribuição no Sul de Mato Grosso e não chegando à linha equatorial no limite Norte. Uma espécie, **A. hypogaea**, é o amendoim, de cultura precolombiana no Brasil Central mas não conhecido em estado espontâneo, e hoje objeto de grande cultura em todos os países que tenham ao menos uma parte do ano quente.

A. prostrata Bth. — Pará: Ilha de Marajó, município de Cachoeira, campo da fazenda Santa Rita, col. Rubens Lima; frequente no lugar. Nordeste, Centro e Sul do Brasil. Paraguai, Norte da Argentina e Perú.

STYLOSANTHES Sw.

S. guianensis var. **gracilis** Vog. — Tida como espécie "bôa" por vários autores. Ainda em Vigia (Pará), num campo.

S. humilis H. B. K. — Ainda nos campos de Cacaual Grande (Pará) e Macapá (Amapá), e nos arredores de Pôrto Velho (Guaporé). Maranhão (Tocantins): Carolina.

S. viscosa Sw. — Ainda nos campos do Território do Rio Branco.

ZORNIA Gmel.

Z. guaninpensis Pittier. — No Território do Rio Branco, entre Caracaraí e Bôa Vista. (Det. Burkart). Col. G. A. Black.

DESMODIUM Desv.

D. triflorum DC. — Cosmopolita tropical, cuja origem é desconhecida. Pará: Marajó, Vizeu, Santarém; Amazonas:

baixo Rio Negro; Amapá: Macapá. Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, principalmente no litoral.

D. Wendlandianum Urb., = **lunatum** Huber, segundo Amshoff. Guiana, América Central, Antilhas.

L I T E R A T U R A

BASSET Maguire and Collaborators:

Plant Exploration in Guiana in 1944. Bull. Torrey Club 75 n.º 4 (1948). *Mimosaceae* and *Caesalp.* by G. J. H. Amshoff.

BURKART, Arturo:

Las Leguminosas Argentinas silvestres y cultivadas, II.^a edição, Buenos Aires, 1950.

COWAN, R. S.:

A taxonomic revision of the genus *Macrolobium*. Mem. N. Y. Bot. Gard. 8 n.º 4 (1953).

DUCKE, A.:

As leguminosas de Pernambuco e Paraíba. Mem. Inst. Oswaldo Cruz 51 (1953).

DUCKE, A.:

Milletia occidentalis, nova leguminosa provávelmente ictiotóxica do Amazonas. Bol. Tecn. Inst. Agr. Norte 28 (1954).

DWYER, John D.:

The Central American, West Indian, and South American species of *Copaifera*. Brittonia 7, n. 3 (1951).

HOEHNE, F. C.:

Flora Brasílica, Chave provisória das subfamílias, etc., e gênero *Arachis*. S. Paulo, 1940.

NOVAS PARA A LISTA

<i>Enterolobium cyclocarpum</i>	Rio Negro
<i>Calliandra rigida</i>	Rio Negro
<i>Calliandra glomerulata</i>	Monte Alegre
<i>Calliandra parviflora</i>	cit. Fl. Brasiliensis
<i>Copaifera Piresii</i>	Tapajós
<i>Copaifera Duckei</i>	Belém
<i>Macrolobium Duckeanum</i>	Tocantins
<i>Macrolobium molle</i>	Rio Negro
<i>Macrolobium venulosum</i>	Rio Negro
<i>Macrolobium Froesii</i>	Rio Negro
<i>Macrolobium taxifolium</i>	Rio Negro
<i>Eperua falcata</i>	Oiapóque
<i>Bauhinia Langdorffiana</i>	cit. Fl. Brasiliensis
<i>Bauhinia stenopetala</i>	Parintins
<i>Cassia longiglandulosa</i>	cit. Fl. Brasiliensis
<i>Cassia aculeata</i>	Guaporé
<i>Cassia pilifera</i>	lista L. B. Smith
<i>Cassia tagera</i>	Rio Branco
<i>Cassia chamaecrista</i>	lista L. B. Smith
<i>Dicorynia uaupensis</i>	passa de variedade para espécie.
<i>Martiusia parvifolia</i>	Tocantins
<i>Sclerolobium guianense</i>	Rio Branco
<i>Bowdichia Kuhlmanii</i>	limite da hiléia em Mato Grosso.
<i>Alexa Wachenheimi</i>	Oiapóque
<i>Poecianthe Hostmanni</i>	Oiapóque
<i>Milletia occidentalis</i>	Solimões
<i>Clitoria flagellaris</i>	cit. Fl. Brasiliensis
<i>Galactia glaucescens</i>	Monte Alegre
<i>Aeschynomene Selloi</i>	cit. Fl. Brasiliensis
<i>Aeschynomena falcata</i>	Monte Alegre
<i>Arachis prostrata</i>	Marajó
<i>Desmodium triflorum</i>	Cosmopolita recentemente encontrada na região.

A ELIMINAR

- Inga racemiflora* = Ulei
Cynometra cuneata = marginata
Dalbergia revoluta = glauca
Macrolobium caudiculatum = discolor
Macrolobium tenue = gracile
Macrolobium debile = gracile

Pithecolobium odoratissimum n. s. — Ad sectionem **Caulanthon**. Arbor partibus omnibus glabris. Foliorum pinnae 1-jugae, foliola $1\frac{1}{2}$ vel rarius 1-juga, vulgo 40-60 x 20-30 mm metientia foliolo inferiore saepe aliquanto minore, omnia elliptico-oblonga vel obovata, basi inaequali acuta, apice obtusa, coriacea, parum nitida, subconcoloria. Spicae 40-80 mm longae (cum pedunculo circiter 20 mm longo, stricto), sat dissitiflorae. Flores albi odoratissimi, sessiles, calice vix 1 mm longo, corolla striata ad 4 mm longa, staminibus numerosis filamentorum tubo non exserto. Fructus ignotus.

Speciei **P. oriundum** Macbr. (e Peruvia orientali) affine videtur (secundum descriptionem), recedit foliolis non ultra $1\frac{1}{2}$ — jugis, multo minoribus, coriaceis, floribusque minoribus.

Ad flumen Guaporé (Território Guaporé) in campo naturali ad occidentem loci Conceição (infra Principe da Beira), 8-VI-1952, G. A. Black et E. Cordeiro 52-14787.

Única espécie brasileira de **Pithecolobium** com inflorescências em espigas compridas pouco densas que lembram as de **Inga marginata**.

Copaifera Piresii n. sp. — Frutex ramosissimus ramulis novellis canopuberulis, demum glabratis cinereis. Stipulae ad 8 mm longae, anguste lanceolatae supra concavae, caducissimae. Folia 40-60 mm longa, foliolis 6-7-jugis saepius oppositis, brevissime petiolulatis, impunctatis, 8-16 x 4-8 mm metientibus, oblongis, basi parum inaequalibus obtusis vel subrotundatis, apice obtusis et retusiusculis, tenuiter coriaceis, subtus margine incrassato cinctis, glabris petiolulo nonnunquam pilosulo, nitidulis, crebre reticulatis, subtus pallidioribus. Paniculae folio multo longiores ramulis dissitis, canopuberulae; bractee et bracteolae parvae ovatae acutae, ante

anthesin caducae. Flores viridialbi, in alabastro adulto vix ultra 2 mm diametri metientes; sepala extus glabra, marginibus intus albociliatis, facie interna parcius vel densius longe pilosa; stamina glabra; ovarium basi et marginibus longe rufescenti-pilosum. Fructus ignotus.

Habitat loco Posto dos Indios Caiabi in campo aperto naturali prope flumen São Manuel (= Teles Pires) in civitatis Pará extremo austro-occidentali, 8-I-1952 legit J. M. Pires 3876. Speciei *C. Luetzelburgii* Harms., Brasiliae civitatum Piauí, Ceará, Pernambuco et Bahia incolae, affinis, at foliis magis numerosis, minoribus et tenuioribus, bracteis bracteolisque parvis divergit; a speciebus *oblongifolia* et *trapezifolia* praeter alios characteres foliis constanter impunctatis differt.

Arbusto dos campos altos do rio São Manuel, no extremo Sudoeste do Estado do Pará. Os folíolos são tão pequenos quanto os de *C. trapezifolia* ou até menores ainda, porém desprovidos de pontos transparentes. A forma arbustiva da planta pode não ser característica para a espécie porque *C. coriacea*, árvore bastante grande na mata, encontra-se reduzida a arbusto, em campos secos e práias de areia.

Bauhinia stenantha n. sp. — Ex affinitate proxima speciei *altiscandens* Ducke, divergit praesertim calycis appendicibus apicalibus bene evolutis, oblongis. Frutex robustus in arbores altissimas scandens, foliis et paniculis floriferis eis speciei citatae simillimis, bracteis ad 5 mm longis, latioribus quam speciei citatae, saepe foliaceis lamina obovata vel ovato-deltaoidea, ungue longo. Alabastra oblonga appendicibus oblongis vulgo 1,5 mm longis valde conspicuis coronata. Calyx in vivo viridis anthesi circiter 5 mm longus et latus, rufotomentellus, costato-striatus, apice truncatus dentibus obsoletis, appendicibus diu persistentibus. Petala ut in *altiscandens* alba, anguste spatulata sed magis inaequalia et angustiora, sparsius rufopilosa, unguibus maiorum e calyce longe exsertis, maximis ad 12 mm longis et ad 2 mm latis. Stamina breviter valde inaequalia, glabra; ovarium dense sericeum. Fructus ignotus.

Planta observata unica crescebat terris altis ultra lacum José Assu (propre Parintins in civitate Amazonas), 28-XII-1935 legit A. Ducke Herb. Jard. Bot. Rio 35433; typus in Ins-

tituto Agronômico do Norte, Belém, duplicata olim sub nomine **B. confertiflora** institutionibus variis distributa.

Esta planta mostra estreita afinidade com **altiscandens** nas partes vegetativas, no tamanho e na forma multiramada da panicula, e na maioria dos caracteres das flores; a forma especial das folhas é comum a ambas, e também o ténue indumento da face inferior das mesmas. No entanto, o cálice de **stenopetala** é coroado de 5 apêndices muito conspícuos, quando no lugar dêstes, em **altiscandens**, só existem dentículos; a presença ou ausência de semelhantes apêndices é por todos os autores tida como caráter importante. As brácteas de **stenopetala** são na parte terminal dilatadas em maior ou menor grau, lembrando em alguns casos as de **rutilans** (em ponto menor). As pétalas de **stenopetala** são ainda mais estreitas que as de **altiscandens** e são as mais estreitas que conheço em espécies escandentes dêste gênero. O lugar em que se coletou a nova espécie é o planalto onde nascem os riachos formadores do Rio Arapiuns (afluente do Tapajós), do Lago de Jurutí Velho e dos diversos lagos que desaguam no Paraná do Ramos a Leste e ao Sul de Parintins; a mata pluvial que cobre o dito platô é uma das mais altas da Amazônia e parece conter ainda muitas espécies desconhecidas.

E S T A M P A S

1. **Inga ingoides**, Recife, A. Ducke et D. A. Lima, Herb. Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, II-1952, duplicata no IAN.
2. **Pithecolobium odoratissimum**, tipo.
3. **Copaifera Piresii**, tipo.
4. **Bauhinia stenopetala**, tipo.

E R R A T A

Na pag.	Linha	Onde se lê	Leia-se
21	35	speciosa	macrocarpa
43	12	10 X 10 m	10 X 100 m
43	29	Faven	Pavan
94	3	25-VIII-1951,	25-VIII-1951, G.A. Black et D. Magalhães 51-12963

Na pag. 18, no quadro III, as unidades são:

3a. coluna - em cm

4a., 6a., e

9a. colunas - gr/100 gr.

8a. coluna - ME/100 cc.

Na pag. 37, falta o quadro XI, que será incluído em um próximo boletim.

Na pag. 75, faltam as estampas, que serão incluídas em um próximo boletim.